



PRÁTICAS TERAPÊUTICAS E PRATICANTES DE CURA NA CIDADE DA PARAHYBA – 1889 A 1920

Lenilde Duarte de Sá¹

Adalgisa Maria Gadelha Vale²

Ana Maria Cavalcante Lopes³

Anne Jaquelyne Roque Barrêto⁴

Kalinka Zuleika da Silva Dias⁵

Nilma Maria Pôrto de Farias⁶

RESUMO

Este artigo teve como objetivo identificar e descrever as práticas terapêuticas fincadas no universo da medicina tradicional e popular na cidade da Parahyba, no período de 1889 a 1920. De natureza histórica, ancora-se na concepção de história das mentalidades. Foi elaborado com base em documentos divulgados no período citado e que versassem sobre práticas terapêuticas tradicionais e praticantes de cura, dispostos na forma de artigos veiculados em jornais, textos de almanaques e revistas, entre outros. As informações encontradas nas fontes consultadas foram classificadas em: preparados a base de plantas medicinais, sangrias e sanguessugas, naturismo, homeopatia, farmácia caseira e outras terapêuticas populares de tratamento. As práticas identificadas estavam ancoradas na tradição, no costume e nos preceitos hipocráticos e galênicos. Observou-se a presença de conflitos no que concerne a permanência de práticas tradicionais de cura em um contexto que se divulgava a implantação de ações consoantes ao modelo campanhista policial. As tensões foram mais evidenciadas entre os médicos oficiais e os representantes da corrente naturista. Para com as demais práticas, no lugar de conflitos, observou-se a tolerância.

Palavras-chave: Enfermagem. História. Métodos terapêuticos.

¹ Enfermeira. Doutora pela Escola de Enfermagem da Universidade de Ribeirão Preto. Professora de Departamento de Enfermagem Saúde Pública e Psiquiatria do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba (DESP/CCS/UFPB). João Pessoa-PB, Brasil. Email: lenilde_sa@yahoo.com

² Enfermeira. Graduada pela Universidade Federal da Paraíba. Ex-bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). João Pessoa-PB, Brasil. Email: adalgisa.gadelha@hotmail.com

³ Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba. Professora do Departamento de Enfermagem em Saúde Pública e Psiquiatria do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba (DESP/CCS/UFPB). João Pessoa-PB, Brasil. Email: aninhabel1956@yahoo.com.br

⁴ Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba. Professora da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança (FACENE). João Pessoa-PB, Brasil. Email: annejaque@gmail.com

⁵ Odontóloga. Graduada pela Universidade Federal da Paraíba. Odontóloga da Estratégia Saúde da Família. João Pessoa-PB, Brasil. Email: kalinkadias@gmail.com

⁶ Médica. Especialista em Infectologia pela Universidade Federal da Paraíba. Médica do Hospital Geral Clementino Fraga. João Pessoa, PB, Brasil. Email: nilmampf@ig.com.br

THERAPEUTIC PRACTICES AND HEALING PRACTITIONERS IN THE CITY OF PARAÍBA - 1889 TO 1920

ABSTRACT

This paper aims to identify and describe the therapeutic practices embedded in the universe of traditional and popular medicine in the city of Paraíba/Brazil in the period 1889 to 1920. Historical in nature, anchored in the conception of history of mentalities. It was prepared based on documents released in that period and given over to practice traditional healing and healing practitioners, arranged in the form of articles published in newspapers, magazines and almanacs texts, among others. The information found in the sources consulted were classified into the prepared herbal medicine, bloodletting and leeches, naturism, homeopathy, pharmacy and other homemade popular therapeutic treatment. The practices identified were anchored in tradition, custom and precepts Hippocrates and Galen. We observed the presence of conflicts regarding the permanence of traditional healing practices in a context that was spread deployment of appropriate action regarding the model police campaign. The tensions were most evident among medical officers and representatives of the current naturist. For with other practices, in place of conflict, there was tolerance.

Keywords: Nursing. History. Therapeutic methods.

PRÁTICAS TERAPÉUTICAS Y PROFESIONALES DE LA CURACIÓN EN LA CIUDAD DE PARAHYBA - 1889 A 1920

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo identificar y describir las prácticas terapéuticas incrustado en el universo de da medicina tradicional y popular en la ciudad de Parahyba en el período 1889 a 1920. De naturaleza histórica, anclada en la concepción de la historia de las mentalidades. Se elaboró con base en documentos publicados en el período citado por tratarse de las prácticas terapéuticas y los practicantes tradicionales de curación, dispuestas en forma de artículos publicados en periódicos, revistas y textos almanaques, entre otros. La información que se encuentra en las fuentes consultadas se clasificaron en la medicina a base de hierbas preparadas, la sangría y las sanguijuelas, el naturismo, la homeopatía, farmacia casera y otros tratamiento terapéutico popular. Las prácticas identificadas estaban ancladas en la tradición, las costumbres y en los preceptos de Hipócrates y Galeno. Se observó la presencia de conflictos relativos a la permanencia de las prácticas curativas tradicionales en un contexto que se divulgaba la implantación de acciones establecida por el modelo campañista policial. Las tensiones fueron más evidentes entre oficiales médicos y representantes de la corriente naturista. Porque con otras prácticas, en lugar de conflicto observó la tolerancia.

Palabras clave: Enfermería. Historia. Métodos terapéuticos.

INTRODUÇÃO

Entre o final do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, o modelo de atenção à saúde na cidade da Parahyba do Norte, como na época era conhecida a cidade de João Pessoa, hoje capital do estado da Paraíba, seguia as orientações do que ficou conhecido como modelo campanhista policial¹. Este, juntamente com as ideias de Pauster, assim como o higienismo, e as descobertas ocorridas na área da saúde nos séculos XVIII e XIX,

concorreram para que os mais letrados, principalmente os médicos, criticassem o comportamento da população local que segundo eles, se recusavam a beneficiar-se dos prodígios da ciência, entre eles a vacina¹.

No século XIX, poucos eram os médicos existentes na Cidade da Parahyba. Os ditos oficiais tinham os seus diplomas expedidos nas Faculdades de Medicina da Bahia ou do Rio de Janeiro. Se raros eram os médicos, muitas eram doenças que assolavam a capital. A população se via ameaçada por febres perniciosas, muitas vezes provocadas pela malária. A varíola – conhecida por bexiga – na forma endêmica, manifestava-se todos os anos. Nos anos se transformava em epidemia e matava muita gente¹.

Por sua vez, os moradores da cidade da Parahyba, convivendo com tantas doenças e dispondo de tão poucos médicos, encontravam nas práticas terapêuticas tradicionais e nos praticantes de cura, nas orações e até nas chamadas simpatias, meios de prevenir e tratar seus males.

Nesse período se observam as tensões dadas entre a implantação de uma nova forma de organizar a saúde segundo as concepções da medicina urbana em um espaço definido como atrasado e que conservava feições coloniais. Foi a respeito desse espaço que surgiu a inquietação em pensar que na cidade da Parahyba, não permaneciam apenas os traços físicos do período colonial e imperial. Costumes e concepções poderiam estar incrustados na forma de cuidar da saúde e de doentes, os quais concorreriam pela força da inércia, a retardar a incorporação de novos hábitos e condutas propostas pelo novo modelo de atenção.

Sendo a mentalidade algo que se muda mais lentamente na história², pressupõe-se não apenas a continuidade dessas práticas, mas também a presença de tensões entre médicos e aqueles que executavam antigas formas de prevenir/curar. Existiam nesse espaço, médicos, dentistas práticos, farmacêuticos, cuidadores chamados de “enfermeiros”, parteiras, exortadores (pessoas que ajudavam o doente a aceitar a morte), naturistas, homeopatas, charlatães, rezadores, curandeiros³. A historiografia paraibana cita vários desses indivíduos, bem como alguns casos ocorridos, em que se evidenciam confrontos. Portanto, esse é um dos capítulos de uma história inédita, que precisa ser contada. A tentativa de contá-la tem como suporte teórico a história das mentalidades, uma vez que é considerada “o lugar de encontro de exigências opostas (...). Situa-se no ponto de junção do indivíduo e do coletivo, do longo tempo e do cotidiano, do inconsciente e do intencional, do estrutural e do conjuntural, do marginal e do geral^{4:71}”.

Ressalta-se que a história da medicina nada significa quando dissociada dos povos e culturas em cujo meio ela se realiza⁴. A capital da Paraíba situada no espaço mais antigo do país (Região

Nordeste), em termos de ocupação demográfica e econômica, revelava uma identidade objetiva, geográfica e cultural, diferenciada de outros espaços posteriormente ocupados. Infere-se que a permanência arraigada de práticas tradicionais de cura na cidade da Parahyba, vinculadas à milenar concepção hipocrática e galênica, decorrem, entre outros fatores, da inserção desta cidade no espaço brasileiro o primeiro a ser ocupado e colonizado⁵.

Considerando que sobre esse tema, poucas são as obras de época que informam sobre essas práticas na Parahyba, foi esse o que motivou os autores a desenvolver o presente estudo, que teve como objetivo identificar e descrever as práticas terapêuticas fincadas no universo da medicina tradicional e popular na cidade da Parahyba, no período compreendido entre os meados do século XIX e nas quatro primeiras décadas do século XX.

MEDODOLOGIA

Este é um estudo de natureza histórica, derivado do projeto “História da saúde e da doença na Parahyba: em busca de fragmentos” e tem entre seus objetivos, descobrir e recuperar informações anunciadas nos jornais e demais meios de divulgação circulante na cidade da Parahyba, sobre as práticas e praticantes de cura, no período situado entre a segunda metade do século XIX e 1930.

O estudo foi construído com base em documentos divulgados no período de 1889 a 1920, que versassem sobre práticas terapêuticas tradicionais e praticantes de cura, dispostos na forma de artigos veiculados em jornais, textos de almanaques e revistas, legislação em saúde e demais fontes que continham informações importantes dentro de nosso objetivo de pesquisa. A busca das fontes foi feita nas seguintes instituições: Arquivo da Santa Casa de Misericórdia, Arquivo da Cúria Metropolitana, Arquivo Histórico da Paraíba – FUNESC, Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba - IHGP e Fundação Casa de José Américo, no período de 1996 a meados de 2002. Desse período, sobre o tema desenvolvido, foram encontrados de 85 (oitenta e cinco) documentos.

Os documentos encontrados foram copiados conservando-se a ortografia original. As informações encontradas nas fontes consultadas foram classificadas em: preparados a base de plantas medicinais, sangrias e sanguessugas, naturismo, homeopatia, farmácia caseira e outras terapêuticas populares de tratamento. As citações contidas nesse artigo reproduzem os textos encontrados nos documentos originais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Preparados à base de plantas medicinais

Há indícios sobre a utilização de plantas com efeitos medicinais antes do aparecimento da escrita. As primeiras civilizações logo perceberam que algumas plantas continham princípios ativos que, ao serem experimentados, mostravam-se eficazes sobre as doenças, revelando, empiricamente, o poder curativo de vegetais⁵.

A história registra que o ser humano buscava na natureza elementos para a cura de suas enfermidades, sendo os vegetais o principal recurso empregado. Relatos confirmam que no Período Posterior do Egito (715-330 a.C.) já havia esforços para restabelecer as *'casas de vida'*, ou seja, escolas médicas que estavam em decadência e que utilizavam plantas como remédios. Instaladas junto de um dos templos no antigo Egito, dispunham de edificações principais e secundárias, bem como de amplos jardins para plantas medicinais⁷.

Nas fontes pesquisadas é bastante comum, no período compreendido entre a segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, páginas inteiras de jornais que circulavam na cidade da Parahyba, serem inteiramente dedicadas a anunciar produtos medicinais, sobretudo medicamentos. Nelas, depoimentos de usuários e médicos eram publicados atestando a eficácia dos preparados vegetais e, por sua vez, adeptos e médicos divulgavam a forma correta do preparo e uso das plantas medicinais. As farmácias agenciavam os produtos que levavam o nome do farmacêutico responsável. Abaixo uma nota divulgada no jornal *O Commercio* de 05 de maio de 1900:

XAROPE DE CUMARU

(com fedegoso e angico)

Peitoral balsamico por excellencia, formula e preparo do Pharmaceutico Manoel Londres.

Medicamento vantajosamente reconhecido e muito recommendado para o caso das tosses, defluxos, escarros de sangue e rouquidão, bronchites agudo ou chonico e asthma.

De sabor muito agradavel e de facil applicação ás creanças.

PHARMACIA LONDRES.

Dentre outros, o depoimento abaixo, encontrado no jornal *O Commercio* de 10 de maio de 1900, chama a atenção para a antiquíssima prática da fitoterapia, sendo repetido e comum o tipo de depoimento apresentado durante todo o período pesquisado:

UM DEVER

O abaixo assignado, vem por meio deste cumprindo um dever, fazer um publico agradecimento.

Tendo minha filha Maria Luiza, ha 2 annos, feridas pelo rosto e nariz, ja tendo tomado grande numero de remedios estrangeiros e nacionaes, não tendo obtido melhoras, ja desenganado de sua cura, em boa hora recorri ao Sr. Dr. Barão dos Santos Alneu, que receitou-lhe a tomar o Elixir de Nogueira do pharmaceutico Sr. João da Silva Silveira.

Depois de ter minha filha Luiza tomado duas dúzias daquelle maravilhoso Elixir com grande alegria vimol-a curada radicalmente das imcommodas feridas!

Comprovando o que acima fica dito, da prodigiosa cura, fica ezposto na pharmacia Popular o retrato de minha filha, que como eu seremos eternamente gratos á eficacia do poderoso Elixir de Nogueira, do hábil pharmaceutico João da Silva Silveira.

Pelotas, 8 de Fevereiro de 1808.

Luiz São João.

Rua Andrade Neves n. 34.

VENDE-SE NAS BOAS PHARMACIAS E DROGARIAS DESTA CIDADE.

Foi observado que os preparados de plantas medicinais necessitavam do aval do órgão responsável pela saúde local. Esse fato denuncia a presença de ações típicas de um modelo da atenção em saúde de estrutura campanhista-policial, também caracterizado pela utilização de medidas jurídicas impositivas, no que diz respeito à notificação de doenças, vacinação obrigatória e vigilância sanitária em geral¹. Sob os auspícios desse modelo, os medicamentos eram inspecionados pela Inspectoria Geral de Hygiene. Anúncios publicados alertavam à população sobre possibilidade de plágio de preparados medicinais, bem como deixavam claro o aval da referida *Inspectoria*. A nota abaixo foi extraída do jornal *Gazeta da Parahyba*, de 5 janeiro de 1889.

ELIXIR CABEÇA DE NEGRO

“Previna-se aos consumidores desse prodigioso medicamento que na ocasião da compra devem declarar que não querem do formulado pelo Sr. Dr. Santa Roza, pois o finado nunca teve a formula do Elixir de Cabeça de Negro, e o preparado que ahi se está vendendo, como formulado por aquelle Doutor, é uma embaçadella para os consumidores.

O Elixir de Cabeça de Negro que está aprovado pela Inspectoria Geral de Hygiene é o antigo de Hemes de Sousa Pereira I”

Dentre os preparados à base de plantas medicinais, observa-se que a forma de “elixir” era a mais anunciada nos jornais da época. Também eram divulgados muitos preparados na forma de xarope. Assim, as plantas serviam para produzir uma infinidade de medicamentos caseiros nas formas de lambedor, óleos, chás, infusões, emplastros entre outras. Na dita “Medicina do povo”, dentre outras conhecidas plantas medicinais na Paraíba, foram citadas erva-doce, babosa, batata de purga, erva cidreira, sabugueiro, caroba, pega-pinto, jurema e mulungu. Chá de erva doce ou de alho, cidreira ou hortelã resolveram graves situações nas antigas fazendas, essas distantes do socorro médico, presente na cidade.

Sobre os preparados a partir de plantas medicinais, bem como o uso de chás, essa parece ter sido uma prática culturalmente aceita e empregada no cotidiano dos habitantes da Parahyba no período estudado. Trazida do meio rural para a cidade, mantida pela tradição e pela memória, era inteiramente integrada aos hábitos ligados à saúde e a terapêutica. O chá, por exemplo, era tido como o medicamento caseiro mais usado antes e durante as primeiras décadas do século XX⁸. Pode-se observar, inclusive, que os medicamentos quimicamente industrializados só passam a substituir os de natureza fitoterápica nas páginas dos jornais após a década de 1940⁹.

As sangrias, as ventosas e as sanguessugas

No final do século XIX e início do século XX, ainda o empirismo presidia a prática da arte médica a qual revelava, entre outros aspectos, a influência do conhecimento hipocrático-galênico, em vigor desde os séculos VI e III a.C. A causa das doenças eram atribuídas ao desequilíbrio dos *humores*, elementos chamados, segundo Galeno, de *cardinais* ou *radicais*. Esses elementos eram: *o sangue, a bile, a atrabile e a pituíta* (fleuma). A realização de sangrias e a aplicação de ventosas e de sanguessugas eram práticas que, uma vez fundamentadas na concepção humoral, devolveriam o equilíbrio dos humores. Na arte antiga de curar, dizia-se que *nos casos mais complicados, entrava em ação a lanceta do barbeiro para tirar o sangue mau, pois era um aforisma popular: - 'sangue é que faz mal ao corpo'*.

As sanguessugas eram usadas para curar e prevenir quase todas as doenças humanas, como febres, varíola e outras tantas que faziam morada entre a morte e a vida. O mais antigo relato sobre a aplicação de sanguessugas foi transmitido pelo grego Nicandro que morreu em Alexandria entre 135 e 130 a.C., ou seja, numa época que já fazia parte do período helenístico. Nicandro descrevia como deviam ser colocados os vermes na parte do corpo afetada por congestionamentos de sangue e humores e, no local, deviam permanecer até que estivessem cheios a ponto de se soltarem da pele. Os egípcios tinham conhecimento de todas essas práticas, pelo menos mil anos antes, não deixando dúvidas de que eram capazes de aplicar sanguessugas e que *deviam ter condições de provocar também sangrias artificiais com o uso da faca; quanto à forma, porém, não havia informações concretas; pode ser até que tenham aberto realmente as veias*⁶.

De bichas eram também chamadas as sanguessugas. Essas, conforme Galeno, deveriam ser aplicadas nos menores de idade. O ofício consistia em *“aplicar sanguessugas”, fosse “na via posterior”, fosse nos braços ou nas pernas, conforme a tenção curativa de evacuar, derivar ou revelar*. Embora, a sangria gozasse de mais crédito do que a aplicação de sanguessugas, esta

somente poderia ser realizada em “*pessoas de mais de catorse anos*”. Caso o doente fosse nervoso e temesse a sangria, esta era substituída pelas ventosas ou pelas bichas.

Os barbeiros, herdeiros dos rudimentares conhecimentos da medicina europeia, melhor dito, da ciência ibérica, mantinham no seu arsenal terapêutico os instrumentos de lancetar, sangrar, cortar e serrar, bem como remédios, muitos deles derivados da flora nativa. O artigo abaixo, intitulado “Barbeiros” foi extraído do Almanach do Estado da Parahyba, editado para o ano de 1910,

Um espirituoso viajante assim descreve os nossos antigos barbeiros: Entre as classes de officiaes ha uma que exerce varias funções; é a dos barbeiros. As suas lojas suprem com frequencia no Rio de Janeiro, as lojas de bebidas em França. Ali se divulgam as novidades, e muitas vezes lá se enventam. O barbeiro do Brasil conserva no seu officio as preciosas tradições do barbeiro portuguez; elle não só executa com rara habilidade as diversas funções da sua profissão, mas algumas vezes accumula outras, que pareciam incompativeis. No mesmo individuo se encontram reunidos um barbeiro habil, um cabelleireiro exercitado, um cirurgião familiarizado, e um homem perito em por sanguessugas, prompto sempre a fornecel-as. Inesaurivel em talentos, tão capaz é de tomar a malha cahida n’uma meia de seda, como de executar na rabeca ou na clarinetta, valsas ou contradanças francezas, que compõe, verdade é, a seu modo. Apenas sahido do baile, passando ao serviço de uma confraria religiosa, eil-o n’um dia de festa, assentado com mais cinco ou seis companheiros, n’um banco collocado no exterior do portal da igreja, executando a sua musica destinada, esta vez, a estimular o zelo dos fieis esperados no templo, onde se acha disposta uma orchestra mais analoga ao culto divino.

Das aplicações de sanguessugas e ventosas, a cidade da Parahyba tinha os seus empreendedores e divulgadores. O Barbeiro era visto como um auxiliar do médico. Na cidade da Parahyba, segundo o médico Oscar de Castro, existia um barbeiro de elite e que também cantava no coro das novenas de Nossa Senhora das Neves. Era chamado de Antonio Leite. *Era um preto baixo barrigudo de enorme papada e um toitiço de Zebu, de fraque e colete preto e calça branca bem engomada, correntão, relógio e anelão de ouro.* Ainda segundo o médico, no seu estojo o ilustre barbeiro conduzia o “boticão” para extrahir dentes (não havia cirurgião dentista), a lanceta para sangrar e vacinar, as campanhas de vidro e o aparelho apropriado para o caso de aplicação de ventosas. E, ao que parece, o ofício passava para as gerações tendo em vista que os filhos Elysio e Manoca Leite também fossem barbeiros⁹.

Além dos já mencionados barbeiros, na cidade da Parahyba, havia alguns habilitados em fazer sangrias e aplicar sanguessugas. Parecia ser o caso de João Lacerda de Lima, conhecido por Joca Barbeiro, Agostinho Cavalcanti de Lacerda Lima (este divulgado em

seção de anúncio do Jornal *Gazeta da Parahyba* de 24 de novembro de 1889) e um outro, José de Sousa Rangel, que só realizava o ofício sob prescrição médica. Eis aqui algo curioso de práticas realizadas entre os médicos que tinham freqüentado uma escola oficial e um prático. Abaixo um anúncio da Barbearia Rangel encontrado no jornal *A União* de 1900

ANNUNCIOS

SANGUESSUGAS HAMBURGUEZAS

E VENTOSA NA BARBEARIA RANGEL

LARGO DA INTENDENCIA

Sobre o uso das sanguessugas na Parahyba o texto de Oscar de Castro⁹ informa que o emprego das famosas hirudíneas era feito com os propósitos de prevenir e curar.

Fôram applicadas [as sanguessugas], nos antigos tempos, como método terapêutico de grande valia e efficacia comprovada. O seu emprego era quase universal.

A Paraíba não foi excluída dos benefícios de tão virtuoso método terapêutico.

A velha terapêutica fazia grande uso das depleções sanguineas: sangrias, ventosas ou sanguessugas.

A sangria, a sanguessuga, o purgante e o clister dominaram por longo tempo. Eram usados como panaceas universais e ai daqueles que se insurgissem contra o seu emprego.

As sangrias eram praticadas de modo sistemático, anualmente, com fins terapêuticos ou para prevenir padecimentos futuros.

Daí a existência de profissionais ou sangradores que percorriam sua clientela, na cidade e nas casas-grandes dos engenhos. Nestas se sangravam os “da familia” e depois o “senhor” chamava os escravos que se quizessem curar.

Importante observar o fato da posição de classe econômica dos indivíduos. Primeiro a família, depois os escravos. E sobre os apetrechos dos quais se servia o barbeiro em sua arte a citação abaixo informa:

A “lancêta” era o instrumento usado. Tratava-se de um pequeno canivete, de lamina fina e ponta aguçada, protegido e guardado em “bainha” de couro ou em pequena e rica caixinha de tartaruga.

Primeiro, o garrote de borracha, na parte superior da perna ou simples fio de algodão forte. As veias se entumeciam e, facilmente o operador golpeava o vaso.

O sangue jorrava de 100 a 150 gramas tirado o garrote, processava-se, naturalmente, a homeostase.

Os sangradores eram profissionais habilitados na arte. Ocupavam-se de outro mister, eram barbeiros¹¹.

As sanguessugas aqui empregadas eram adquiridas em outras capitais. Na citação abaixo o autor informa sobre a técnica de aplicação, dos casos mais indicados e do valor dos famosos vermes:

As sanguessugas eram adqueridas no Rio de Janeiro. Sanguessugas hamburguesas que chegavam em garrafas cheias d'agua e assim eram conservadas desde que houvesse o cuidado de mudá-la diariamente.

Para que pegassem, bastava um pouco de açúcar sobre a péle ou ligeira escarificação que permitisse pequena hemorragia. Facilmente eram tiradas e, para expelirem o sangue, jogavam-nas em vasos com agua salgada. E elas vomitavam.

Só numa circunstância as hirudineas não seguravam. Era na hipotese da existencia de puz. Uma de suas indicações corriqueiras era no fluxo hemorroidarios. Aliviava-se os doentes, logo em seguida a sua aplicação.

Os processos inflamatórios, as “congestões”, os “tumores” e as nevralgias se benificiavam com aplicações das miraculosas hirudineas.

O valor desses vermes variou com o passar dos tempos. Uma duzia chegou a custar 640 reis, mas também, alugavam-nas a razão de uma pataca”¹¹.

Para a arte do ofício recomendavam-se as mais procuradas e bem aceitas hirudíneas hamburguesas que, segundo os anúncios da época, as sanguessugas de Hamburgo superavam em qualidade as encontradas no Brasil. A seguir anúncio divulgado no jornal *Gazeta da Parahyba* de 24 de novembro de 1889:

Sanguessugas Hamburguesas

O abaixo assignado aviza ao respeitavel publico que, recebeu ultimamente vindo do Estado de Pernambuco sanguessugas de primeira qualidade; em vista disto aceita qualquer chamado – em sua officina a rua Duque de Caxias nº 90.

Parahyba, 19 de Novembro de 1889.

Agostinho Cavalcanti de Lacerda Lima.

Com a finalidade de ilustrar o assunto sobre o uso das sanguessugas, apresenta-se um anúncio publicado no jornal, denominado “DESPERTADOR” datado de 21 de Abril de 1866, no qual se observa que o mestre Ginot, reconhecido barbeiro, que além de vender e alugar as hamburguesas, nas operações de sua arte, constavam as de tratar, limpar e tirar dentes.

SANGUESSUGAS

R. direita n. 57

Ginot vende e aluga verdadeiras sanguessugas de Hamburgo

BARBEIRO DENTISTA

GINOT MANOEL GOMES DE CARVALHO, estabelecido a rua Direita desta Cidade n. 57 defronte do Ilmo. Sr. comendador POGGI, exerce todas as operações de sua arte, taes como tirar, limpar, chumbar e colocar dentes, tudo pelos processos mais aperfeiçoados, para o que tem um bom sortimento de perfumaria finas, assim como vinagre aromatico e agua dentrificia para limpar e conservar os dentes, os quaes são sujeitos a envolverem-se de um lodo, que se concentra depois, e forma. um tártaro ou pedra, soffrendo as descolorações do esmalte, sobrevindo a carie, assim também a frouxidão dos nervos alveolares e das gengivas, podendo-se todavia evitar esses estragos, limpando-os, chumbando-os, etc, usando-se depois da agua dentefricia, ou vinagre aromatico, que fortificação as gengivas, e conservam mui claros os dentes, nutrindo-lhes o esmalte.

Vai as casa particulares sendo chamado não só dentro da Cidade, como fora della. As pessoas que quizerem honrar sua confiança o acharão sempre prompto a qualquer hora do dia ou da noite.

O último artigo de jornal encontrado fazendo menção às sanguessugas na Parahyba data de 11 de junho de 1915. Trata-se de uma publicação na primeira página de *A União*, assinado por Dr. José Maciel, conhecido médico da época, e mostra como esse recurso terapêutico estava presente no primeiro quarto do século XX.

A não ser em poucos casos de congestão cerebral, ninguém em nossos dias sangra os seus doentes e esta prática reservada às intoxicações elaboradas nos próprios organismos as auto-intoxicações, tem o seu valor inestimável. Portanto, sangrar os doentes que se extorcem e se convulsionam sob o influxo perigoso de elementos tóxicos, é praticar a verdadeira therapeutica consciente, a therapeutica pathogenica, o que se dirige a causa, a que condiz com o brocardo “morta a causa cessa o efeito” Nas manifestações convulsivas da uremia, quando a vida do doente corre iminente perigo, devemos praticar uma sangria subthraindo, conforme o temperamento do paciente, uma quantidade de sangue que poderá variar de 500 a mil grammas. Esta indicação formal executada com pericia e nos momentos de maior urgência tem produzido verdadeiras ressurreições em individuos cujo estado de gravidade já não dava mais esperança. Se uma abundante emissão sanguinea acha sua indicação prática, nos morimbundos uremicos com maioria de razão, ella deve ser applicada na eclampsia puerperal formidavel intoxicação ligada em absoluto á perturbação renal: albuminuria gravidica, auto-intoxicação-gravidica. (...) Os resultados felizes que temos observado, já em nossa clinica civil, já nas enfermarias dos hospitaes nos levam a assegurar o valor incontestável da sangria sobre outras applicações therapeuticas, nos casos acima citados.

Depois desse artigo não foi mais encontrado, até ano de 1930, nenhum outro documento que se referisse ao assunto das sanguessugas. Apenas relatos orais informariam se essa prática ultrapassou a década de 1920. No entanto, pode-se observar que esse tipo de arte convivia com a prática médica oficial chegando a ser justificada pelo Dr. José Maciel. Ressalta-se que, do ponto de vista cultural, essa parecia ser integrada à cultura local da época.

A Medicina Natural

Na cidade da Parahyba, principalmente no período de 1913 a 1919, observa-se a presença de uma corrente terapêutica chamada de *'naturismo'* ou *'medicina natural'*. Conforme os anúncios da época, a prática significava o *'tratamento pela nova sciencia de curar sem medicamentos - Sem operação'*. Parecia fundamentada na reconciliação do homem com a natureza. Neste caso, a *'cura'* era concebida pelo poder salubre *da água, do ar, do sol*, do vegetarianismo e frugivorismo. Os seus divulgadores diziam que as leis da natureza predominavam sobre a teoria hipocrática-galênica. Segundo um documento da época essa prática era bastante apreciada na Europa e estava ligada ao higienismo presente na época.

A Europa inteira regorgita neste momento de medicos naturistas e physiatras, taes como Kneippe, Künn e Lorsen, cujas obras monumentaes, vertidas para o

nosso idioma, transformaram em instituição domestica os processos hygienicos e curativos desses venerados benfeitores da humanidade.

A prática do naturismo ganhou adeptos no meio intelectual. Um artigo do *A Imprensa* de 4 setembro de 1913, escrito por Carneiro Leão e intitulado 'Um Grande Physiatra', enaltece-a pelo fato de promover a cura pela reintegração do homem à natureza.

Quanto mais a vida contemporanea nos divorcia da natureza tanto maior é a urgencia de reitegramo-nos nella. A medida que a civilização e os requintes se intensificam, desnaturando tudo, adulterando com os artificios mais exóticos a vida humana, decresce também o coeficiente de felicidade de prazer.

(...). Vão longe os tempos em que o homem simples amava o ser feliz na natureza, obedecendo-lhe as leis e seguindo-lhe os dictames como um bom e docil animal natural.

Desde porem que artificialmente se desanimalizou continuando, entretanto o ser feito de vermes e de sangue como outr'ora, que lhe surgiram intensificadas as dores, que lhe não mais abandonaram as torturas, os soffrimentos mais atrozes. Agora, ao invéz de reparar o mal, de procurar curar-se na natureza apenas busca remediar os remedios.(...)

Os artigos divulgados em jornais da década que segue 1910 citam vários adeptos e praticantes do 'naturismo', dentre eles: Carneiro Leão, Simão Patrício da Costa Netto, Dr. Amilcar, Dr. João de Pessôa e Dr. Francisco Simas. Esse último, com considerável fama, era anunciado no jornal *A União*, Parahyba, 6 de janeiro de 1916, como:

(...) ex-diretor e proprietário do Estabelecimento Hydrotherapico do Pará, director de "O NATURISTA", presidente da Liga Vegetariana contra Tuberculose e a morphéa, com 15 annos de estudos theoreticos e praticos da nova sciencia de curar ministrado pela Grande Universidade de Naturista da Alemanha, com consultorio instalado na Rua da Areia, 72, Parahyba do Norte...

É nessa corrente que se observam tensões com os médicos da cidade. Contrários a essa corrente, os seguidores da ciência pasteuriana combatiam as idéias 'naturistas'. Registramos um embate entre os representantes da medicina natural e os reconhecidos naturistas. Na tentativa de influenciar mais pessoas a aderirem ao regime vegetariano, os naturistas alertavam sobre o consumo da carne bovina e a ela atribuíam a causa das várias doenças. Em resposta, os médicos contrários ao naturismo divulgavam notas de repúdio e tentavam explicar, à luz de Hipócrates, a importância da carne e condenavam os naturistas aos quais chamavam de 'charlatães. Abaixo uma resposta dada pelo naturista Francisco Simas ao médico conhecido Dr. Maciel, publicada em *A União* de 9 de setembro de 1916.

(...)Entretanto, Sr. dr. Maciel, nós não temos nenhuma culpa de V. S. desconhecer o movimento scientifico do mundo, o facto mencionado transcrevemol-o da preciosissima e moderna Obra "O Vegerarismo e a Physiologia alimentar" traducção de Angelo Jorge, 2.^a edição de 1916, pag. 81.(...)

Não esperamos pois que todos abandonem o uso da carne, nem alimentamos a louca pretensão de submeter todo o povo ás nossa theorias, mas escrevemos por amor àquelles que ignoram o regime alimentar que lhes pode proporcionar a verdadeira felicidade, sentindo embora que muitos permaneçam escravizados pelos três malditos factores da degeneração da raça humana – a aclamada carne, o nocivo tabaco e o prejudicial tabaco.

Diz S. S. que levamos nossa propaganda ao ponto de procurar convencer aos leitores de que as mulheres naturistas terão a sua delivrance sem dor, e acha isto o cumulo do exaggero.

Nada de exaggero, illustrado dr., a delivrance da mulher é uma ação expontanea da natureza na qual não haverá o menor inconveniente se a mulher estiver perfeitamente sadia; não tendo o organismo depauperado pela intoxicação da carne e seus derivados ou prejudicado pelas exigencias muitas vezes prejudiciaes da civilização mal entendida. (...)

Estas, Sr. Dr. tem a sua delivrance no meio ao maior prazer; o prazer que não é toldado com o sacrificio de pobres victimas na cosinha. Ellas não necessitam de vinhos toxicos nem de multiplas formulas clinicas recommendadas pelos medicos. São vantajosamente auxiliados apenas pelo ar, pela luz, pela hygiene e pela acção reconstituente das FRUCTAS. (...).

Dando continuidade ao debate, Dr. José Maciel, o médico que mais combatia o naturismo, defende o consumo de carne em A Notícia de 12 de setembro de 1916, com a seguinte matéria:

DEVEMOS COMER CARNE

Se a carne fosse um alimento toxico, como querem os naturistas, os animais carnivoros que vivem exclusivamente de carne, não vivia tanto ou mais que os herbivoros e frugivoros. Entretanto não é assim que observamos, esta ahi cães velhos, extremamente velhos e ainda vivendo; os gatos, os leões, os tigres e finalmente todos os animaes carnivoros attingem admiravelmente idades avançadas.

Onde, pois, o veneno da carne, se os typos verdadeiramente carnivoros resistem tanto aos embates da vida? Se os animaes carnivoros que se nutrem desse alimento desde que attingem a idade adulta, alcançam longividade fora do commum, quanto mais nos que fazemos nosso regime mixto, no qual entra a carne na proporção, de 15 a 20%?! Não ha, pois razão para que os naturista tanto se inquietem com o veneno da carne, quanto á diathese arthritica. (...)

Garantimos que nossos serviços medicos têm sido reclamados muitas vezes e nestes casos não procuramos indagar si se trata de naturistas ou vegetarianas, porque nessas occasiões o papel do medico é prestar o seu humanitario serviço, indistinctamente papel este valor não humilhante como diz mas importante, nobre edifficante. E é tão honrosa a profissão de medico que até os individuos que não se acham em condições de exercel-a pretendem isso fazer. (...)

Se a sciencia medica fosse “tão perigosa quanto humilhante” não appareceram tantos concurrentes empiricos com o fim unico de locupletarem-se com as economias dos incautos, que se entregam de corpo e alma a esta exploração inconsciente e condemnavel de innumeros charlatães. O papel do medico no exercicio de sua honrosa profissão, é nobilitante e nunca humilde!

Com frequência eram anunciadas nos jornais de circulação local, a hydroterapia e a *hydrosudotherapia*, práticas que também compunham a chamada medicina natural. Essas

modalidades terapêuticas se faziam através do uso de banhos frios ou a vapor que, segundo anunciavam os naturistas, garantiam a cura de enfermidades. Na opinião do poeta Carlos Dias Fernandes, defensor confesso de uma medicina natural, em matéria por ele assinada e publicada na *A União* de 5 junho de 1918, às palavras de Roosevelt '*felizes os povos que suam*', acrescentou: '*porque delles será o reino da prosperidade e da saúde*'.

A propaganda da cura através da água era, ao que parece, sobremaneira incisiva, pois depoimentos intitulados '*curas milagrosas*', eram publicados nos jornais que circulavam na Parahyba. Um desses anúncios foi encontrado no jornal *A União*, de 14 de setembro de 1916.

Milagres da hydrotherapia – Uma cura espantosa – Tuberculoso confirmado.

A bem dos que soffrem e como um testemunho de eterna gratidão que me prende a notavel medica hydropatha d. Yayá Vieira, venho pela imprensa fazer a seguinte declaração:

Soffria eu, ha muitos annos desde a minha estada no Rio de Janeiro, onde consultei a innumerados medicos, de uma constipação gravissima, contra a qual appelei debalde para todos os recursos da medicina official. Transferi já muito doente a minha residencia para este Estado, onde o meu mal se aggravou ao ponto de passar tres meses rouco, com tosse continua durante muito tempo, febre, cansaço e abundancia terrivel de catarro e suores nocturnos.

Consultei na Parahyba o Dr. Lima Filho sem resultado algum, e o Dr. Octavio Soares, que me diagnosticou uma bronchite auto gráo. Ambos me applicaram remedios que de nada serviram.

Era o meu estado desesperador, cofôrme dão testemunho varias pessoas grados desta cidade, entre as quaes o meu distincto amigo sr. pharmaceutico Antonio Andrade e o Sr. major Joaquim Maranhão.

Tinha febre todos os dias, não mais me alimentava por falta de disposição, chegando mesmo a minha familia em desespero a occultar de mim escarros sanguineos repetidos, com desconfiança da minha parte.

Nesse grave estado de saude, quando já todos quantos me conheciam me julgaram tuberculoso em ultimo gráo, sem esperanças de viver deliberei entregar-me aos cuidados de profissionaes de d. Yayá Vieira, cujas curas successivas e milagrosas tanta admiração me causaram.

O meu espanto foi indizivel quando após poucos meses de tratamento comecei a ter appetite, somno mais tranquillo e o que é mais a tosse suffocadora que me matava desaparecia gradualmente.

Como me julgue, com a opinião de quantos me conhecem um homem renascido, gosando a maior saúde e sem nenhum vestigio da doença que me atormentou por alguns annos, venho fazer essa declaração e como uma homenagem á competencia da distincta e conhecida hydropatha d. Yayá Vieira a quem devo a vida.

Parahyba 3 de setembro de 1916

Manuel Pereira de Lacerda

Encontramos, dentre os documentos referentes ao ano de 1919, um artigo publicado no jornal *A União* sobre a criação de um '*sanatorio naturista*'. O fato sugere ter sido o

naturismo uma modalidade terapêutica que ganhara crédito na capital. A seguir apresenta-se uma nota divulgada na imprensa, tornando pública a intenção de ser criado o referido recinto:

Sanatorio Naturista

Continúa a despertar muito interesse a idéa de se fundar nesta capital um sanatorio naturista.

O numero infinito dos que soffrem achaque de toda a natureza estimula os promotores de tão util instituição, cujo character umanitario é o seu melhor titulo de recomendação.

Damos abaixo os nomes de pessoas representivas que patrocinam o sanatorio naturista, tendo adherido ultimamente: dr. Diogenes Gonçalves Penna, Anisio Borges Monteiro de Mello, Acrisio Borges Monteiro de Mello, Francisco José das Neves, dr. José L. Luna Pedrosa, Maximiliano Aureliano Monteiro da França, José Francisco de Lima Mindello, dr. José Ferreira de Queiroga, Ignacio Evaristo Monteiro, p^{re}. Aristides Ferreira da Cruz e Eutyichiano Barreto.

Hontem fomos procurados pelo sr. professor Francisco Simas e mais dois membros da comissão promotora, que nos vieram pedir tornassemos publico o agradecimento dos naturistas ao exmo. Sr. dr. Francisco Camillo de Holanda pelo seu acto dispensado ao sanatorio agua e luz gratuitamente.

O acto do exmo. Sr. presidente decorre de seu interesse de ver a Parahyba dotada de toda especie de melhoramentos, necessarios a uma capital civilizada.

O sanatorio naturista vem preencher uma palpitante necessidade.

Numerosa é a classe dos cidadãos que adopta o regime natural, usando dessa liberdade de escolher que é uma das bellezas da democracia.

Hoje o naturismo não é um systema meramente tolerado, já se reconhece a sua utilidade para a cura de certas molestia e o seu direito ao lado dos outros systemas medicinaes.

Com os elementos de que dispõe, dentre em pouco o sanatorio naturista da Parahyba passa a ser uma realidade.

O anuncio acima foi publicado no jornal *A União*, de 24 setembro de 1919. Não foi possível localizar informações que confirmassem ter de fato existido esse sanatório na cidade da Parahyba. Sobre esta prática, no que diz respeito ao terreno das mentalidades, essa, diferentemente da sangria, era rechaçada por alguns dos representantes da classe médica, cuja tensão era acentuada pelo fato de condenarem o hábito de comer carne - algo que culturalmente fazia parte da alimentação dos que habitavam a cidade - bem como por contrariar a importância de medicamentos pondo em seus lugares os elementos da natureza.

A Homeopatia

“De anno para anno augmenta consideravelmente, no nosso paiz, o numero dos adeptos da Homeopathia, não só por ser um systema em que se não applicam medicamentos venenosos, (porque nas dynamizações empregadas está excluida qualquer toxicidade), como tambem por ser uma arte facilmente assimilável pelos leigos, por não exigir o seu emprego grande despezas, sendo por consequinte, uma medicina popular”.

Essa afirmação, de autoria de Lorenz¹⁰ (1928) mostra o porquê da homeopatia ter sido tão utilizada pelos moradores da Parahyba no final do século XIX e início do século XX. Nesta época a *'ciência hermetica'* baseada na *'força vital'*, é bem representada pelos discípulos de Hahnemann. Nessa capital constata-se que desde meados do século XIX, a população fazia uso de *'pharmacias homeopathicas'*:

PHARMACIA HOMEOPATICA

Visitou-nos o Sr. Umbeliu Augusto Alvares, empregado da (...) muito conceituada Pharmacia Homeopatica do dr. Sabino, estabelecida na cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco, que anda em commissão da mesma a propagar os seus afamados medicamentos e a distribuir gratis ao povo opusculos para direcção do tratamento homeopatico das molestias: febre amarella, sarampo, variola, etc. Diz-nos o sr. Alvares que os referidos opusculos para maior facilidade, acham-se na loja do "Pelicano" dos Srs. Jayme Seixas & C.ª, agentes da Pharmacia homeopatica do dr. Sabino, n'esta cidade, á disposição do publico. Ficamos penhorados pela visita e pelos livrinhos com que nos presenteou.

O anuncio acima foi publicado no jornal Gazeta do Commercio, de 30 agosto de 1895. Segundo Oscar de Castro¹², na Parahyba, principalmente durante a época de epidemias, que compreende a segunda metade do século XIX e início do século XX, a população fazia uso largo das chamadas ambulâncias homeopáticas.

Já no tempo das grandes epidemias de cólera morbus, ambulancias homeopaticas eram mandadas da Capital da Provincia para os diversos lugares onde o mal surgia. (...) Pelo menos era a terapeutica mais corrente, muito mais divulgada e de grande fama em todas as camadas populares. A química só aos poucos vinha enriquecendo o arsenal medicamentoso alopatico que não contava com uma grande quantidade de produtos. (...)

Informa ainda Oscar de Castro⁹ que o emprego da homeopatia era realizado, sobretudo por autoridades não médicas, sendo comum a sua pratica por vigários, professores, políticos, entre outros.

(...) não era raro, que se vissem os velhos vigarios, a caminho de uma confissão distante, sob as inclemencias do sol abrazador, subindo e descendo morros e levando consigo além dos sacramentos da igreja, para a purificação das almas, as carteiras homeopatica para as curas do corpo.

Em casa ou na sacristia, as leituras do breviário ou afazeres outros do santo ministerio, eram frequentemente interrompidas, para atender aos pobres e aos ricos, que para eles apelavam, aflitos. E além dêles muitos outros curavam: professores, politicos, pobres agricultores, que mal sabiam ler, e até mães de família. Esse processo terapêutico, entre elas se tornava puramente doméstico e se limitava às doenças da familia e servia para tudo: para

sarar a cicatriz umbelical do garotinho ainda cheirando a alfazema ou para as dores tardias do parto.

Não foram encontrados documentos que relatassem haver conflitos explícitos entre médicos alopatas e homeopatas na cidade da Parahyba, apesar do final do século XIX e início do século XX, ser reconhecido na história da homeopatia no Brasil, como o período de resistência¹¹. No Rio de Janeiro este foi caracterizado pelos ataques a homeopatia, feitos principalmente pela Academia Nacional de Medicina, pelas faculdades, pelas Ligas e pela Diretoria de Saúde Pública¹¹. Ao que parece, a falta de institucionalização de um saber médico na Parahyba talvez tenha concorrido para a tolerância dessa racionalidade médica que, pelo visto, era bastante aceita entre os paraibanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se recuperar informações sobre práticas de cura na cidade da Parahyba no período correspondente ao final do século XIX e início do século XX, foram identificadas práticas e praticantes de cura no contexto onde se estabelecia a implantação de um modelo de saúde nos moldes campanhista e policial.

No campo das mentalidades, do local onde se encontram o marginal e o geral, conflitos foram identificados entre os médicos naturistas e os da corrente alopata. As demais práticas, conforme os documentos analisados pareciam não molestar os defensores da higiene.

Naquela, a medicina como saber não estava institucionalizada na Paraíba, como era o caso de cidades maiores, no caso o Rio de Janeiro, e os seus representantes eram raros. No entanto, a maioria da população da Parahyba sendo pobre e não podendo pagar os honorários dos poucos médicos existentes na cidade, recorriam a essas práticas para dar continuidade à vida. Quase vinte séculos depois, a máxima hipocrática *a vida é curta, a arte longa*, se fazia atual e na correlação de forças entre os saberes, se percebe muito mais tolerância do que conflitos.

FONTES CONSULTADAS

Almanach Estado da Paraíba. Barbeiros; 1910.

Annuncios: Pharmacia Homeopatica. Gazeta do Commercio. Parahyba do Norte. 1895 ago 30; anno 2, p. 1.

Barbearia Rangel. Annuncios: Sanguessugas Hamburguesas e Ventosas. A União. Parahyba. 1900 set 21; anno 8, s/n.

Elixir Cabeça de Negro. Gazeta da Parahyba. Parahyba do Norte. 1889 jan 5; anno 2, n. 194:2.

- Fernandes CD. Banhos de Vapor: Hygiene e medicina naturista. A União. Parahyba. 1918 jun 5; anno 26, n. 123:1.
- João LS. Anuncios: Um Dever. O Commercio. Parahyba. 1900 mai 10; anno 2, n.135:3.
- Lacerda MP. Milagres da hydrotherapia – Uma cura espantosa – Tuberculose confirmado. A União. Parahyba. 1916 set 14; n. 201:3.
- Leão C. Um Grande Physiatra. A Imprensa. Parahyba. 1913 set 4; n. 194, s/n.
- Lima ACL. Anuncios: Sanguessugas Hamburguesas. Gazeta da Parahyba. 1889 nov 24; anno 2, n. 452:3
- Maciel J. Devemos comer carne. A Noticia. Parahyba. 1916 set 12; anno 2, n. 200.
- Maciel J. Sangria, seu valor therapeutico incontestável. A União. Parahyba. 1915 jun 11; n. 125:1.
- Medicina Natural. A União, Parahyba. 1916 jan 6.
- Sanatorio Naturista. A União. 1919 set 24; anno 27, n. 210:2.
- Sanguessugas. Despertador. Parahyba, 1866 abr 21.
- Simas F. Não devemos Comer Carne. A União. Parahyba. 1916 set 9; anno 24; n. 203:1.
- Xarope de Cumaru. O Commercio. Parahyba. 1900 mai 5.

REFERÊNCIAS

1. Sá LD. Parahyba: uma cidade entre miasmas e micróbios. O Serviço de higiene pública, 1895–1918. [tese]. Ribeirão Preto (SP): USP; 1999.
2. Vovelle M. Ideologias e mentalidades. 2ª Ed. São Paulo (SP): Brasiliense. 1991.
3. Medeiros C. Subsídio para a história da hygiene pública na Parahyba. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Imprensa oficial. 1911;3:117-23.
4. Le Goff, J, Nora P. História: novos objetos. Rio de Janeiro (RJ): Francisco Alves; 1995.
5. Thorwald J. O segredo dos médicos antigos. 10ª ed. São Paulo (SP): Melhoramentos; 1990.
6. Badke MR.; Budó MLD; Silva FM. Plantas medicinais: o saber sustentado na prática do cotidiano popular. .Esc Anna Nery (impr.) 2011 jan-mar; 15(1):132-139.
7. Silveira RGM. O Regionalismo Nordeste. São Paulo (SP): Ed. Moderna; 1984.
8. Almeida H. História da Paraíba. v.2, João Pessoa (PB): Editora Universitária; 1978.
9. Carvalho CO. Medicina na Paraíba. Flagrantes da sua evolução. João Pessoa (PB): A União; 1945.
10. Lorens FV. Homeopathia Domestica Brasileira. 2ªed. São Paulo (SP): Empresa Typographica, Editora o Pensamento; 1928.
11. Pereira Neto AF. Ser médico no Brasil. O Presente e o Passado. Rio de Janeiro (RJ): Editora Fiocruz; 2001.